

DISCURSO DE RECEPÇÃO NA APL

Lucilo Varejão Filho

Hilton Sette e a Bem Amada que Virou Alcanfor

O RAPAZ DA VILA MARIA, romance que obteve “menção honrosa” ao concorrer em 1979 ao “Prêmio Literário Lucilo Varejão” da Prefeitura da Cidade do Recife, representou bruta surpresa até para os mais atentos observadores da vida literária pernambucana. E o surgimento do nome de Hilton Sette, como o de um escritor literário, deixou no espírito de muita gente a impressão de tratar-se de um simples “divertissement” na austera carreira científica da respeitável figura dos nossos meios universitários. A obtenção da “menção honrosa” mostraria, então, ter sido válida a aventura, mas não teria ela maiores consequências para as letras pernambucanas.

Oito anos decorridos daquela revelação literária, – cuja validade todos puderam confirmar com a leitura do romance, publicado dois anos após –, está chegando Hilton Sette a esta Academia que o acolhe como um escritor eminentemente literário e que soube impor-se numa fulgurante carreira ficcionista, confirmada pela publicação, no espaço recorde de sete anos, de três romances, uma novela e um admirável livro de contos, enquanto um quarto romance aguarda publicação no Rio de Janeiro.

Será essa vitoriosa carreira de ficcionista que tentarei aqui analisar. Ao mesmo tempo falará por minha boca a Academia Pernambucana de Letras, que assim dirá dos motivos por que escolheu para integrar o seu quadro social o romancista Hilton Sette.

I - O RAPAZ DA VILA MARIA

É, pois, a publicação, em 1981, de O RAPAZ DA VILA MARIA que dá início à carreira literária do autor. O livro foi incluído na “Coleção Recife”, editada sob o patrocínio da Prefeitura da Cidade do Recife e orientada, na sua parte literária, pelo Conselho Municipal de Cultura, e no seu setor científico pela Fundação de Cultura da Cidade do Recife.

Em nota de apresentação intitulada “A razão de ser deste livro”, o novo romancista, ao mesmo tempo que se dirige à esposa, dizendo “Lucia, este livro é teu” – o que desde logo deixa entrever o caráter semi-biográfico da obra – assim se expressa:

“O RAPAZ DA VILA MARIA se propõe a refletir a poesia simples, ingênua e romântica latente no cotidiano dos subúrbios recifenses, há meio século. Suas páginas estão cheias de manhãs luminosas, dias de invernadas, tardes crepusculares e noites enluaradas a emoldurar a ficção de um enredo vivido por seus personagens numa paisagem e numa comunidade de inesquecíveis recordações”. (pág.7)

E este esquema do livro é realizado com um rigor que seria de esperar de um “doublé” de cientista e de artista, habituado por um lado, a olhar e a analisar o mundo, e, por outro, a expressar com senso artístico os resultados de suas observações. E de tal modo se ouve o novo romancista que não hesito em afirmar que, se daqui a cem ou duzentos anos, quiser alguém conhecer a terra recifense e a gente que aí vivia, por volta dos meados nosso século, será nos romances de Hilton Sette que irá encontrar os mais ricos dados. E com uma vantagem: ao contrário dos estudos de cunho científico, com sua fria caracterização documental, terra nos

Hilton Sette, Minha História

Apontamentos Autobiográficos

citados romances toda a alma recifense, em sua complexidade, minuciosamente estudada nos seus rasgos de grandeza como nos seus laivos de mesquinaria.

Creio que antes de tudo há que louvar Hilton Sette sua capacidade de, jogando com os miúdos interesses da gente remediada dos arrabaldes, nos dá um livro de aguda observação de hábitos, costumes, maneiras de ser e jeitos de viver da gente recifense. Praticando com maestria certa arte intimista, torna-se ele, assim o fixador dos instantes alegres, melancólicos ou, mesmo, dolorosos que compõem o cotidiano do recifense comum.

Assim, por exemplo, constitui-se numa delícia vermos Hilton Sette septuagenário austero dos nossos dias, pintando com a exatidão do entendido do “métier” os namoros que se arranjavam nas festas de igreja dos seus tempos de rapaz. Eram, então, as idas e vindas dos grupos de moças nos pátios iluminados e cheios do som das bandas de música que alegravam aquelas noites, as trocas de olhares entre moças e rapazes, o sorriso de aquiescência e a carga final que permitia a aproximação do galã, ocasião em que, no dizer do entendido Hilton Sette, “nem se precisava falar”. A recepção do rapaz se efetivando através de uma série de manobras, findas as quais a moça que estava na ponta do grupo ia para o meio e a moça desejada passava, com o assentimento geral, para uma das extremidades, de modo a permitir a abordagem. Como era grande o conhecimento que tinha Hilton Sette da estratégia exigida em tais embates!

Mas não é só isso o romance, pois, então, estaríamos apenas nos domínios da crônica: atravessando todo o livro e constituindo-lhe como que a ossatura, está a trama que mantém preso o leitor até as suas últimas páginas. E essa trama (singela até certo ponto, porque não lhe falta, também, uma nota de mistério que, no caso, é constituída pelo problema da descoberta da filiação de Péricles, o herói da história e do destino de sua mãe) é evidenciada, sobretudo, na luta do citado Péricles no sentido de conseguir uma posição econômica e social que lhe permitia casar-se e completar-se no amor de Morena.

Mas não se pensa que – apesar do final feliz de suas histórias – Hilton Sette faz literatura cor-de-rosa. A sua percuciente visão da humanidade não lhe permitiria enveredar por tais caminhos. E muito pelo contrário, momentos há em que a sua capacidade de flagrar a mesquinaria humana em ação nos faz temer que se encaminhe para uma visão negativa de Homem. Figuras como d. Guidu, sempre de língua solta na sua venenosa maledicência, ou como major Belarmino, com sua doentia obsessão de salvar de maus casamentos todos os rapazes que julgasse em perigo de serem envolvidos por moças pouco virtuosas, são figuras capazes de deixar no espírito do leitor menos atento à impressão de que é negra e triste a visão do mundo que domina o ficcionista. Mas, ledo engano! As almas mais empedernidas no vício da maledicência ou no exercício quotidiano da maldade podem, sob a pena do romancista, render-se ao impacto de grandes traumas como a doença e a morte, transmudando-se em criaturas solícitas e prestativas, dispostas a uma inesperada solidariedade ao próximo.

Como todo autêntico romancista, sabe Hilton Sette – na forma da expressão tão repetida e a tantos atribuída – que é na pintura do mal que se obtém o melhor rendimento artístico. Daí o “desempenho” de figuras como d. Guidu ou o major Belarmino, citados. Este último, por exemplo, é notável personagem que mereceria todo um estudo em que fossem postos em relevo os elementos da sua composição. E logo que aparece em cena, como que rouba para si as melhores páginas do livro. E ao fecharmos o romance, a sua figura ainda permanece em nossa lembrança e ainda continuamos a vê-lo tal qual o descreve o ficcionista, “como uma sombra lúgubre, um mal-assombrado feio e mudo que atravessa, em horas certas, as ruas do subúrbio”,

onde, “ninguém o estranha mais quando passa quase pelo meio da rua, ligeiro, atolando os pés na areia frouxa ou tropeçando nas pedras do caminho” (pag. 117).

Infeliz major Belarmino que, tendo amado com loucura na sua juventude uma linda mulher, foi abandonado por ela, que preferiu ligar-se a um homem rico, capaz de lhe dar o conforto e o luxo desejados na vida. Explica-se, assim, o ar sortudo de Belarmino e a sua mania de salvar os homens das traiçoeiras mulheres. A sua obsessão vai até o ponto de, possuindo uma bela coleção de pássaros engaiolados, querê-los, todos, machos. E se ele por acaso descobre que uma das aves é fêmea, não hesita: entrega-a ao gato para comer...

Mas não queremos que se julgue haver-mos deixado submergir pela riqueza dos detalhes através dos quais se externa a força criadora de Hilton Sette, perdendo de vista o aspecto geral do romance. Por isso desejamos, ao terminar esta rápida análise de “O RAPAZ DA VILA MARIA, sugerir o que, possivelmente será a visão justa da obra; mais que repositório de coisas típicas ou regionais, e mais que a história da própria luta de Péricles para conseguir um lugar ao sol, o romance se enquadra naquele tipo que os teóricos da literatura chamam de “romance de aprendizagem”. É que por debaixo de toda a trama e de toda a riqueza descritiva de paisagens ou de miúdos eventos da vida suburbana, o que há de essencial é a formação do caráter de Péricles que, em face da experiência do mundo, se transmuda de jovem inteligente e estudioso, mas tímido e sem vontade própria, no rapaz que “teria destruído todas as suas limitações e adquirido uma autonomia integral”. (pág.263)

II – APARTAMENTO DE COBERTURA

Embora publicado em 1984, pela FUNDARPE, o romance APARTAMENTO DE COBERTURA traz em sua folha-de-rosto a indicação seguinte: “Escrito em 1981”. Indicação pouco habitual, pelo menos em folha-de-rosto, e com o destaque que lhe é dado por Hilton Sette.

É como se o autor quisesse fazer ver ao eventual leitor que a sua arte já se achava mais adiante. Longe daquela que ali se exprimia.

Essa suposição nos leva logo a tentar analisar este romance que, segundo cremos, representaria a arte menor de Hilton Sette, em contraposição à sua arte maior, que se expandiria nas páginas de O RAPAZ DA VILA MARIA e de ZÉ DO FOGUETE. Acreditamos, pois, que APARTAMENTO DE COBERTURA seja o que se pode chamar de “acidente de percurso”. Um equívoco na carreira do ficcionista. Talvez procurasse ele mostrar que era bem capaz de escrever um romance de vanguarda, com muito sexo, em suas formas normais ou viciadas, algumas referências a drogas, adultérios e todos os demais condimentos costumeiramente usados em obras do gênero. Com o que não parece ter contado o romancista é com a força da sua própria índole, avessa a tal temática. E ao tentar desconhecer a inclinação lírica de sua alma, que tão bem se expressa em seus outros romances, disso resultou um livro algo artificial, a que nem a virtuosidade do autor em armar bem estruturadas tramas consegue dar maior força.

Amontoam-se, então, no decorrer da história, a vileza do Comendador Tapacurá, o sogro, que, aos 80 anos, arrasta alta madrugada, para o seu quarto, a empregadinha da casa; o lesbianismo da filha do casal Cipriano-Glorinha Veludo, a estudante Enilda, que, a pretexto de estudar para o vestibular, se tranca com uma amiga, todas as tardes, em sua suíte; a leviandade da irmã desta, Eneida, que se entrega a um jogador de pôquer que, numa rodada, a perderá “por uma noite” por um parceiro que logo vai exigir o cumprimento do “compromisso” munido de uma autorização escrita do marido. Todo esse mundo de mazelas, encontrando o seu

Hilton Sette, Minha História

Apontamentos Autobiográficos

coroamento na tardia gravidez de Glorinha, a esposa, que dá a luz um menino de cor, com as feições e a vasta cabeleira do Eleutério, o debochado “colored” que faz, semanalmente, a faxina do apartamento. Todo isso termina por prejudicar o equilíbrio do romance, dado o excesso de tintas negras nessa pretendida pintura da alta burguesia recifense. E isso sem falar no maquiagem do autor, que divide em dois grandes blocos, com as características opostas do Bem e do Mal, do Vício e da Virtude, os seres que povoam as páginas do romance, tomando como divisor de águas as respectivas condições de fortuna.

Assim, os pobres, como o carteiro Davino e sua família; a preta velha “Mãe” Severina, que ajudou a criar Cipriano; Alzira, a pequena prostituta redimida pelo amor, além de Sandrinha e Alicinha, ambas de origem humilde, mas que salvam da perdição os filhos de Cipriano são todos, criaturas admiráveis, cheias de virtude e bom senso.

Enquanto isso do outro lado, estão os ricos, a gente que habita os apartamentos e as coberturas da Avenida Boa Viagem, a alta burguesia recifense enfim, na qual, ao lado dos Tacuruçá, figuram os amigos do comendador, quase todos banqueiros ou financistas. Entre eles proliferam somente as taras, o desbragamento sexual e a falta de respeito próprio.

E se a esse desequilíbrio ético dos personagens acrescentarmos certo desbragamento da linguagem de algumas figuras e certo gosto escatológico, que perpassa em certas páginas do livro, ficamos a nos perguntar que diabo terá cotucado o Hilton Sette para, entre a evocação do lirismo suburbano de O Rapaz da Vila Maria e a do lirismo interiorano de ZÉ DO FOGUETE, meter-se a discípulo de Pitigrilli, temperado de influências do Miller, o de Sexus.

A roupagem não lhe vai bem, pois Hilton Sette esplende é numa arte de caráter intimista tocada de lirismo. E a prova disso está nesse mesmo romance, onde o escritor só se reencontra na segurança em que consegue expressar a inquietação que vai na alma de Cipriano, cinquentão apaixonado pela esposa, ante as modificações que observa no comportamento sexual desta, após trinta anos de rotina conjugal. São, indiscutivelmente, as melhores páginas do livro.

III – ZÉ-DO-FOGUETE

ZÉ DO FOGUETE, de tão pouco sugestivo título, é romance de 1984, editado com prefácio de Gilberto Freyre, pela Fundação de Cultura da Cidade do Recife. O livro se inicia com a volta do personagem central – que se identifica com a figura do narrador – à terra natal de Caruaru, após longo exílio no sul do país, onde fizera sua aprendizagem do mundo e galgara invejável posição sócio-econômica. Dá-se, assim, partida à narrativa que, em “flash back”, faz o leitor mergulhar no mundo do narrador, conhecer a sua história, a da sua gente, identificar-se com os seus dramas que, mesmo sendo de gente de limitados horizontes, são dramas humanos que nos angustiam, pois longe vão os tempos em que, para merecer a atenção do leitor ou espectador, os heróis tinham de ser os reis, duques, condes, barões ou os grandes generais que frequentam as páginas de Shakespeare, Corneille ou Racine.

A técnica de fazer o leitor entrar no romance acompanhando um personagem que “regressa”, nós já a conhecemos. Ela é usada – para citar somente dois exemplos significativos, um no plano internacional e outro bem pernambucano – pelo Daniel Sábato, de o Túnel, e pelo admirável Gilvan Lemos, de Os Olhos da Treva. O que, diga-se de passagem, em nada diminui o mérito do livro, pois não são ilimitadas as situações em que se pode encontrar um ser humano, o que obriga os autores, tão numerosos, a repetir situações nos milhares de romances escritos, a

Hilton Sette, Minha História

Apontamentos Autobiográficos

cada ano, pelo mundo afora. O resultado final, conseqüente ao arranjo dessas situações dentro de linguagem e estilos pessoais, é que fará ou não, do romance, obra nova e que vem para ficar.

Assim, depois de entrosar o leitor com o “plot” do romance, o escritor Hilton Sette nos dá um exemplo de virtuosidade ao manter o leitor durante 4/5 do romance no desconhecimento de causa-mor do exílio do seu herói. Acompanhando o desenvolvimento da trama romanesca, somente à pag.144, em um volume de 190, o leitor começa a ver esboçar-se a explicação da dúvida que encontra-se encravada no seu espírito: “O Carnaval de 30 proporcionou-me, ao mesmo tempo, uma fuga aos meus sentimentos íntimos, dois encontros maravilhosos com Taciana e, também, a gota d’água que me empurrou para o exílio” – anuncia então o narrador. E quando dez ou doze páginas adiante o leitor toma conhecimento do que foi, realmente, essa gota d’água, e verifica que não se tratou de nenhum ingrediente trágico a justificar a fuga da cidade natal, tudo continua a fluir tão naturalmente na história que esse leitor aceita, sem relutância, o afastamento dos dois amantes (e emprego aqui a palavra “amante” no sentido dos clássicos, isto é, o daquele “que ama”) como necessário ao final feliz que seria de desejá-los.

Uma coisa importante a assinalar na técnica do romancista de Hilton Sette é a sua capacidade de, dentro de uma trama de urdidura sem complexidades, conseguir manter em nosso espírito um continuado interesse humano pelo destino de algumas almas simples. É como se houvesse também, intuitivamente, captado o mesmo segredo de Flaubert, de “Um Coeur Simple”. E duvido que algum apaixonado leitor de romances, depois de identificar-se com os personagens do livro, consiga largá-lo com indiferença sem sentir certa inquietação ante o destino de José e de Taciana e, até, do de Marina ou de Sinhá Lica.

Ao ver o romancista preocupado com “miudezas” municipais, o leitor menos experiente das coisas literárias poderá tê-lo como vítima de limitação de horizontes. Grande equívoco! Quando bem o deseja, sabe e pode o escritor ver mais largo. Isto é, claro, se o romance o exige. Que se veja, por exemplo, esta justificação para a pouca animação do carnaval caruaruense de 1930: “Apontavam-se, na época, como prováveis justificativas para o desânimo, a ocorrência da renhida e entusiasmada campanha política e a realização no dia 1 de março, justamente o de sábado de Zé Pereira, das eleições presidenciais em que concorrem as candidaturas de Júlio Prestes e Getúlio Vargas. Também a crise econômica que abalaram os Estados Unidos no ano anterior podia agora estar se refletindo, de algum modo, em nosso país” (pág.143)

Sendo professor, de profissão, mas não professor de literatura ou de línguas, e não sendo dado a longos estudos gramaticais, a linguagem em que estão vazados os romances de Hilton Sette é simplesmente aquela que vem sendo pesquisada pelos nossos linguistas em busca de determinar aquilo que tecnicamente foi denominado de “a norma urbana culta”. Só que no caso deste romancista esta linguagem lhe veio não da consulta aos estudos e teses dos especialistas universitários, mas de assimilação dos modos de dizer comuns nos ambientes que frequentou: os da família ou dos amigos, os das salas de professores dos colégios de ensino médio ou das universidades onde durante quarenta anos conviveu com outros mestres. Mas tudo isso, temperado – e é isto que dá ao seu estilo um toque especial – pela influência da linguagem seca, desnudada de gorda adjetivação (como o recomendam, aliás, os modernos estilistas), mas incisa, direta e dotada de uma precisão invejável, das obras científicas francesas com as quais manteve tão longo contato no seu magistério da ciência geográfica.

Hilton Sette, Minha História

Apontamentos Autobiográficos

Diferente, porém é o seu proceder quando se trata de fazer falar os seus personagens. Guiado pelo seu senso artístico, põe na boca dos convincentes tipos que sabe criar a legítima linguagem da condição destes.

Vejamos alguns exemplos. A desavergonhada Dos Anjos, que, no dizer de Sinhá Lica, “passa o dia todo na janela pescando e desencaminhando homens casados”, dá uma demonstração de ser, realmente, exímia pescadora, nesse diálogo em que busca encaminhar para sua cama o pouco mais que adolescente Zé-do-Foguete:

“- Zé-do-Foguete, vem cá...

-...Tu já andou com mulher?

- ...Tu quer ver como é bom?”

Não acompanhemos Zé-do-Foguete até o leito da Dos Anjos, mas guardemos no nosso ouvido a ressonância da espontaneidade desse “Tu já andou” e a desse “Tu quer ver”, construções tão do nosso povo miúdo.

Aliás, Dos Anjos é personagem que também rouba para si o capítulo em que aparece. É também uma beleza o curto diálogo da sua despedida de Zé-do-Foguete, na noite em que este decide ir embora para o Rio de Janeiro:

- “Pra onde tu vai, menino?

- Pra muito longe, Dos Anjos. Para um lugar onde ninguém me chame de Zé-do-Foguete! Ser gente importante. Estudar, trabalhar e enriquecer...

- Quer dizer que não vai entrar?

- Não posso. Ainda preciso arrumar as minhas malas...

- Tem nada, não. Vem ali cabo Bui. Na cama ele é muito mais homem do que tu...” (pág. 164)

O autor nas páginas finais nos apresenta esse personagem já em sua velhice, e, como que pressentindo a sua importância literária, deu-lhe a honra de encerrar o romance, pois será Dos Anjos a única criatura que, na Caruaru dos anos 80, reconhece Zé-do-Foguete. Mas o fato é que, entre aquela noite dos anos 30, em que o herói abandona Caruaru, e o começo de noite em que, já velha e alquebrada, reconhece o antigo amante, Dos Anjos há de ter vivido múltiplas e saborosas aventuras. Daqui estou a pedir ao romancista que as ponha em letra de forma, dando-lhes, assim, o merecido registro. É algo que se impõe, sobretudo quando o próprio narrador afirma que, ao aproximar-se dele apoiada em uma bengala e recurvada, a ao fitá-lo nos olhos, ele percebeu dentro dos olhos da velha, “como em fogo de monturo, chispas ainda rubras de luxúria” (pág.190).

Grande figura, essa Dos Anjos. Por que não deixar que ela cresça e ocupe um primeiro plano numa história toda sua? Pode estar aí a oportunidade de um grande romance que Hilton Sette fica, desde já, devendo à literatura brasileira. Acredito que Hilton, de braços dados com a Dos Anjos, ainda pode ir muito longe. Desde que guarde distância da cama para onde ela arrasta homens, os dois ainda poderão fazer grande figura...

É, entretanto, em suas últimas páginas que o romance de Hilton Sette cresce, atingindo aquelas alturas em que as obras literárias deixam de ser depoimento pessoal, maneira de externar uma visão do mundo ou tentativa de contribuir, através da arte, para uma solução de

problemas que, pelos séculos afora, vêm desafiando os homens – e esta é a zona em que pairam grandes livros de grandes autores – para se tornarem obras emblemáticas, simbólicas de determinados e angustiantes aspectos da condição humana.

Assim, o que deu renome universal a Dino Buzzati foi o ter elevado em o Deserto dos Tártaros, a uma situação simbólica, a longa espera do tenente Giovani Drago por um inimigo que nunca chega após haver-se esgotado toda a sua vida profissional em uma espera vã, e o ter encontrado críticos que souberam discernir naquela espera dos Tártaros a inútil espera do Homem por uma verdade metafísica que sempre lhe escapa, como os Tártaros que sempre se escondiam além do horizonte.

É também a infinita demora a que são submetidos os que se metem em fila “esperando Godot”. Espera que procura revelar de forma emblemática a possível inutilidade dessa busca metafísica que ao longo dos séculos tem impulsionado os Homens.

Longa seria a lista dessas obras simbólicas, desde velhos clássicos como o Don Quixote, de Cervantes, até grandes modernos, como O Estrangeiro, de Albert Camus.

O José Feliciano dos Santos, de Zé-do-Foguete, é uma angustiante representação do “desencontro” que preside as coisas humanas. O “pé-rapado” que deixou sua terra de Caruaru para ir estudar, ganhar posição na vida e até ilustrar-se publicando livros, a fim de tornar-se digno da moça loura, de olhos azuis, filha de imigrantes enriquecidos e arrogantes, que sempre fora a sua grande paixão desde os tempos da escola primária, a que lhe dissera um dia: “Vá tranqüilo, eu o esperarei por mais demorada que seja a sua ausência” (pag.156), esse “pé-rapado” ao julgar que já podia voltar para o grande reencontro, verifica, estupefato, que nem a sua Amada e nem sequer a sua Caruaru do seu tempo existiam mais. A sociedade toda, em cujo seio vivera, já fora devorada pelo Tempo. Inútil procurar parentes, amigos ou conhecidos. Estavam todos dormindo. Dormindo profundamente, como no poema de Manuel Bandeira. E da mulher tão amada, que deixara quase adolescente, nem a sombra reencontra. Taciana sumira. É que o nosso herói, na sua sede de perfeição, levava a estudar, trabalhar e adquirir a posição social que, a seu ver, lhe permitiria pleitear a mão da Eleita, cerca de cinquenta anos. E em meio século tudo se fora e a porta que abre José Feliciano dos Santos, não dá para a felicidade: dá para o vazio.

Essa história de José Feliciano e de Taciana é, assim, o emblema do desencontro, entre o sonho do Homem e a realidade do Mundo. Em nela, o Tempo foi o grande vilão. Devorando homens, coisas e até cidades, ele apagou a lembrança de tudo. Apagou o rastro até de Taciana, a Bem-Amada que virou alcanfor...

IV – TIRO DE MISERICORDIA e ESTÓRIAS DA VIDA

Vistos O RAPAZ DA VILA MARIA, APARTAMENTO DE COBERTURA e ZÉ DO FOGUETE, os três romances já conhecidos, e passando ao largo de BIOGRAFIA DE UMA VELHA SENHORA, por não ter publicado (mas declarando desde logo, após leitura dos originais, que se trata de obra de fôlego), resta-nos fazer referência à novela TIRO DE MISERICÓRDIA. Dela diremos somente que é um trabalho de ficção bastante curioso para os conhecedores da obra de Mário Sette porque aí vemos um Hilton Sette influenciado pela obra paterna, criando uma curta história onde o clima que respiramos quase que nos traz de volta à “Senhora de Engenho” e, sobretudo, a “O Vigia da Casa-Grande”, do ilustre escritor que foi seu pai. Chegamos, enfim, àquele que me parece o melhor livro de Hilton Sette; o volume de contos ESTÓRIAS DA VIDA, publicado em 1985 pela

Hilton Sette, Minha História

Apontamentos Autobiográficos

Editora ASA, de Pernambuco, e que tive o prazer de prefaciar. E quando digo que ESTÓRIAS DA VIDA é o melhor livro de Hilton Sette, eu o faço após longa análise dos seus romances e ao verificar que, se o escritor se move com espontaneidade e talento nas obras de longo fôlego, é – segundo meu ponto de vista pessoal – nas histórias curtas que se sente mais senhor de si mesmo, construindo narrativas seguras na sua estrutura e vazadas numa linguagem enxuta, seca mesmo, ideal para esse gênero de ficção.

E acresce que Hilton Sette é um contista à maneira tradicional, de composição quase machadiana. Nos seus contos de histórias desenvolvidas, têm quase todas, início, meio e fim, fato que é preciso ressaltar numa época em que os contistas apegados à teoria do conto “fatia-de-vida” se permitem, por preguiça ou pouca imaginação, entregar ao público, rotulados de contos, nada mais nada menos que simples crônicas.

Há ainda que ressaltar na arte de contista de Hilton Sette aquela sua poderosa qualidade – por mim assinalada no prefácio a ESTÓRIAS DA VIDA – de saber implantar, como poucos, o fantástico no mundo real dos seus personagens, sem deixar visível a separação dos planos que delimitam os dois campos. E o conto intitulado “Conclusão de amor”, que figura na coletânea, é um exemplo disso. Um casal iniciando a prática do amor conjugal vê o ato interrompido pelo enfarte do marido. Seguem-se, dentro da noite, e pelo dia seguinte afora, o hospital, a morte do esposo, o velório e o enterro. E quando, após 24 horas de sofrimento, volta a mulher ao quarto para um banho e um descanso, antes que possa resolver que rumo dar a sua vida, sente, ao apagar a luz para o breve repouso, que ao seu lado está o marido, buscando concluir o ato de amor interrompido. E, na sombra, ela o reconhece pelos gestos habituais...

É conto digno dos maiores mestres do gênero. Um Jorge Luís Borges não desdenharia subscrevê-lo.

Admirável também em Hilton Sette a capacidade de misturar, sem fissura estrutural do conto, o lógico e o absurdo, como no caso do conto intitulado “Dela”, em que com habilidade rara nos leva a acreditar na paixão do personagem central por uma linda... porquinha cor-de-rosa. E isso sem que a narrativa perca o que quer que seja de sua plausibilidade.

Escritor Hilton Sette:

Esta Casa é dos Historiadores, dos Ensaístas de todo naipe: filosóficos, sociológicos, antropológicos, jurídicos, linguísticos, ou mesmo, simplesmente literários; é a Casa dos Críticos e dos Teorizadores da Literatura; é a Casa dos Poetas. Mas ela é, sobretudo, a Casa dos Ficcionistas, sejam eles Romancistas, Novelistas, Contistas ou Dramaturgos, pois que as variadas formas da ficção ainda permanecem como as manifestações de excelência da Literatura. Por isso espanta que numa terra em que os ficcionistas são numerosos e do melhor nível, se mantenham eles arredios e recusando apresentar suas candidaturas às vagas que o Tempo, na sua faina de renovar das gerações, faz surgir em nosso meio. Por que se mantêm distantes desta Casa escritores do porte de um Gilvan Lemos, certamente um dos maiores romancistas pernambucanos dos nossos dias, ou um Raimundo Carrero, com a sua arte de tão fortes ressonâncias dostoiévskianas? Ou um Maximiano Campos, novelista tão denso e profundo? Ou um Amílcar Dória Matos, mestre-contista consumado? Ou, ainda, um Reinaldo de Oliveira, ou um Everaldo Moreira Veras, ou uma Luzilá Gonçalves Ferreira, todos “conteurs” da melhor estirpe? É preciso que deles não tenha que dizer um dia, esta Academia, o que de Molière disse a Academia Francesa, ao fazer inscrever sob o busto do grande homem do teatro a frase famosa e lapidar: “A Academia não fez falta à sua Glória; ele faz falta à Glória da Academia”.

Hilton Sette, Minha História

Apontamentos Autobiográficos

Mas se os ficcionistas de hoje não buscam a Academia, os de ontem a ela acorreram, numerosos. E assim, nesta hora, estão também aqui a acolhê-lo, solícitas, as grandes sombras de Carneiro Vilela, nosso Pai-Fundador e nosso primeiro presidente, cuja obra ainda está, estranhamente, para ser resgatada do esquecimento e da definitiva destruição e, também, as sombras dos vários ficcionistas que, ao longo do tempo, se sentaram nas Cadeiras desta já velha instituição. E vêm, então, dar-lhe as boas-vindas, as prestigiosas sombras, que cito aqui na ordem em que ocuparam as Cadeiras desta Casa – que tanto contribuíram para engrandecer – de Farias Neves Sobrinho, autor de *O Hidrófobo*, aqui chegado em 1901, juntamente com Teotônio Freire, o admirável autor de *Passionário*, livro este do qual Ariano Suassuna me dizia ter o costume de ler em aula vários trechos, para mostrar a seus alunos da Universidade a modernidade da fatura dos textos do velho escritor pernambucano.

Em 1909 é a vez de entrar Manuel Arão, cujo romance “*O Claustro*” representa, malgrado o furor anticatólico de suas páginas, um dos grandes momentos da velha ficção pernambucana.

Em 1920 aqui aporta o pesqueirense ilustre Zeferino Galvão, sobre quem Augusto Duque fez notável conferência na FIAM, inexplicavelmente não publicada.

Em 1922 chega Mário Sette, seu ilustre pai, a respeito de quem a revista da Academia publicará, em seu próximo número, o estudo que dediquei aos seus romances *Seu Candinho da farmácia* e “*Os Azevedos do Poço*”, em que tento mostrar a grandeza dessas obras.

Três anos depois, ou seja, em 1924, Lucilo Varejão, meu pai, vem sobraçando o primeiro dos três “*Romances Olindenses*”, que lhe deram renome e dos seis que legou às letras pernambucanas.

Em 1937 chega – e com grande atraso – Luís Delgado, que alguns estranharão ver incluído entre os ficcionistas, mas que na realidade foi, além do grande ensaísta, tão festejado, o autor de um pequeno romance, *Inquietos*, saudado por Tristão de Ataíde como obra representativa da inquietação espiritual da geração que ascendia ao primeiro plano da vida intelectual brasileira nos anos 20.

O admirável José Carlos Cavalcanti Borges e o hoje injustamente esquecido João Vasconcelos contemplam a lista dos grandes mortos que, nesta Casa, garantiram o primado da ficção e cujas sombras sinto pairarem nesta sala, para acolhê-lo.

Mas a estes podemos acrescentar os Romancistas, Contistas ou Dramaturgos que aqui continuam vivos e atuantes para alegria nossa e honra da Academia, e que se chamam Ruy Bello, tardio autor do mini-romance, *Maria Rita*; Ruy João Marques, abordando o tema polêmico do racismo entre nós; Pelópidas Soares, o dos contos praianos, certamente influenciados pela vida que leva em São José da Coroa Grande; Olímpio Bonald Neto, que fez da Ilha do Maruim, em Olinda, o território de eleição das suas criaturas, do mesmo modo que Luís Marinho, em *Um Sábado em 30*, fez de Timbaúba e de sua gente simples o seu “*mot-de-passe*” para a glória.

Assim, escritor Hilton Sette, entre as sombras ilustres do passado e os escritores mestres que aqui ainda buscam com o seu labor contribuir para o vigor das letras pernambucanas, a Academia vem dizer-lhe que se sinta em sua Casa e que se sente nessa Cadeira – como lá dizem os franceses – é sua “*par droit de coquete*”.